Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP/Marília

Ano 2018 – Edição 21 – Maio/2018

ISSN 1983-2192

MUDANÇAS NA CRIMINALIDADE URBANA MOÇAMBICANA

MALOA, Joaquim Miranda[1]

Resumo: O objetivo deste artigo é identificar os fatores socioeconômicos e políticos que direta ou indiretamente estão atrelados às mudanças da criminalidade urbana moçambicana. As transformações políticas, sociais e econômicas operadas a partir da década de 1990, influenciaram, ao menos nos anos iniciais da década, mudanças na estrutura social da sociedade moçambicana, nas relações sociais; padrões convencionais de juventude, infância, cujo resultado provocou impactos na mudança da criminalidade urbana moçambicana de "criminalidade de formigueiro" para a "criminalidade urbana violenta".
Palavras-chave: Criminalidade, Mudanças sociais, Relações sociais, Criança e juventude.

Abstract: The objective of this article is to identify the facts politics and socioeconomics that directly or indirectly are related to the changes of Mozambican urban crime. The political, social and economic transformations o fthe 1990s influenced, atleast in the early years of the decade, changes in the social structure of Mozambican society, in social relations; conventional patterns of youth, childhood, the result of which has caused impacts on the change of Mozambican urban crime from "tingling crime" to "violent urban crime".
Keywords: Crime, Social changes, Social relations,Child and youth.

Introdução

O objetivo deste artigo é identificar os fatores socioeconômicos e políticos que direta ou indiretamente estão atrelados as mudanças na criminalidade urbana moçambicana. A passagem da "criminalidade de formigueiro" (PAULINO, 2003) –

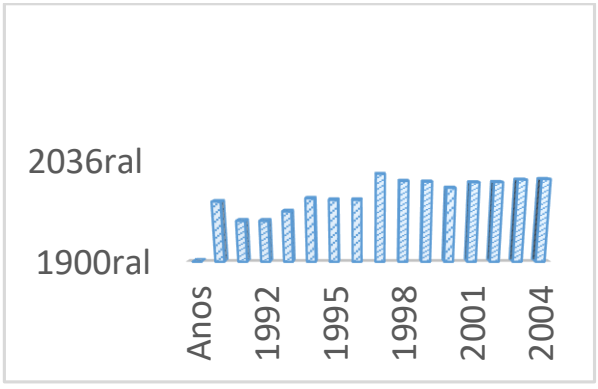
[1]Pesquisador Associado do Centro de Análise de Políticas (CAP) da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) - Moçambique; Pesquisador permanente do Centro de Pesquisa e Promoção Social (CPS), da cidade de Lichinga, Moçambique. É membro do Grupo de Estudos sobre Violência e Administração de Conflitos – (GEVAC-UFSCAR). Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Licenciado em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane e Bacharel em Ciências Sociais pela mesma Universidade. Email: joaquimmaloa@gmail.com.

https://doi.org/10.36311/1983-2192.2018.v21n21.05.p84

que se dedicava a roubo e furto de pequenos objetos - para a "criminalidade urbana violenta". Para utilizar as palavras de Adorno (1997,1999), em lugar do assaltante "soturno" e solitário surgiram assaltantes habilidosos no manejo de armas e palavras em torno do crime. Entretanto, uma análise retrospectiva revelou que depois da independência nacional em 1975 até a segunda metade da década de 1980, a questão do medo de crime não fazia se representar no imaginário social urbano moçambicano. Dentro daquela época, raramente notava-se uma inquietação coletiva pautada pela atribuição de importância a segurança pública, um cenário comum atualmente nas grandes cidades moçambicanas.

Hoje temos uma opinião pública inquieta na questão de segurança pública, certamente influenciada pelo crescimento da criminalidade (como mostra o gráfico a seguir). O impacto da criminalidade violenta estimulou um sentimento coletivo de medo e um comportamento estatal de encarceramento em massa, principalmente dos jovens, homens procedentes dos setores mais pauperizados das classes populares. De fato, para utilizar mais uma vez as palavras do sociólogo brasileiro Sérgio Adorno (1991,2002), podemos afirmar que atualmente não são poucos aqueles cidadãos que têm uma história sobre crime e vítimas de alguma ofensa criminal, especialmente furtos e roubos.

Gráfico: Crimes em números absolutos, Moçambique (1990-2004)



Fonte: Comando Geral da Polícia de Moçambique (2005).

Esses dados estatísticos dizem alguma coisa sobre a nova sociedade, uma vez que essa nova sociedade do "capitalismo periférico" produziu profundas mudanças

na estrutura da sociedade moçambicana e introduziu a economia de mercado que intensificou o consumo de "objetos do desejo", como: carro, celular, roupa de marca que ampliaram os padrões de desejo do consumo entre os segmentos urbanos. Como diz Mbembe (2001), tanto as fontes como os vetores destes objetos de consumo estão largamente difundidos noutras sociedades, porém, singularidade da sociedade moçambicana é a magnitude da desigualdade social, que acaba por afetar a economia dos bens desejados, que são conhecidos e valorizados.

A sociedade moçambicana vem atualmente experimentando, pelo menos, duas tendências associadas: a) a emergência de drogas industriais (Cocaina, Mandrax, Heroína, Haxixe, etc), que modificou os modelos e perfis convencionais de usuários de drogas e propôs novos problemas para a saúde pública e para a investigação anti-droga; b) o crescimento da criminalidade urbana, em especial dos crimes contra o patrimoniais (TOMANE, 2004) (roubo, extorsão mediante sequestro, que tendem a convergir para desfechos fatais) e de homicídios dolosos (voluntários) (MALOA, 2017).

Trata-se de tendências, bem captado por Carlos Serra, no seu artigo: "Linchamentos, amarradores de chuvas e cólera social: fusíveis sociais que saltam em Moçambique" (2010) e "Linchamentos, eclipse do social e bodes expiatórios" (2015, p.220), ao apontar que cada morador urbano sente que existe uma poluição social, "poluição contra qual não há defesa, pois, o vazio institucional é evidente, o futuro inexiste, o presente desenrasca, a polícia não protege (…)".

Este artigo pretende contribuir para o esclarecimento de como as mudanças na criminalidade urbana estão ligadas as transformações sociais, econômicas e políticas pelo qual passou a sociedade moçambicana pós-colonial na década de 1990.Ainda pouco se sabe sobre as mudanças na criminalidade urbana moçambicana. Para isso, a primeira parte, trata de mudanças na estrutura da sociedade moçambicana; a segunda, aborda as mudanças nas relações sociais e na terceira parte são exploradas detidamente as mudanças nas relações sociais de infância e juventude. Como sabemos a maioria da população moçambicana é constituída por jovens e é sobre esta

população que recai a representação de maior protagonismo na criminalidade urbana violenta.

Mudança na estrutura da sociedade moçambicana

A década de 1990 foi um grande divisor de águas das relações sociais, principalmente nas relações de classe, etárias, gênero e gerações existentes nos anos anteriores a1990, período socialista (1975-1990).O discurso de Moçambique como uma sociedade sem muita diferença de classe desapareceu, os operários e camponeses já não eram mais vistos como pertencente à mesma classe, a "classe trabalhadora". Onde os seus membros se esforçavam em criar valores como amizade, lealdade e generosidade (GEFFRAY, 1991). Como indica Vieira (2010) e Machel (1977,1978), naquela época era normal ver um camponês ou operário, assim como um comerciante a participarem na decisão local com os políticos. Como indicava o primeiro presidente do país, Samora Machel: "a edificação do socialismo na República Popular de Moçambique exige a definição do papel de cada uma das classes da sociedade moçambicana, bem como das relações mútuas entre as diversas classes" (TEMPO,7 de agosto de 1983, p.30).Este contexto político, econômico e sociocultural converteu-se num outro, a partir de 1990 (MAZUZE, 2006; ABRAHMSSON; NILSSON, 1994; 1995; CASTEL-BRANCO, 1995; PITCHER, 2002; FRANCISCO, 2003; LUNDIN, 1996; WUTS, 1989; WEST, 2009), que produziu desmantelamento das redes tradicionais de controle social, sociabilidade, ruptura nas relações sociais, principalmente de classe, jovens, criança, gênero e gerações e também produziu o distanciamento nas relações entre pais e filhos. É justamente nesse processo de transformação social pós-90, que a criminalidade urbana violenta se configura.

As metamorfoses nas relações sociais

Tomando como referência a década de 1990, o contexto histórico, em que se difundiu como um novo "*wayoflife*", trazendo novos valores e novas regras de convivência social, o chamado "globalização" (BAUMAN, 1998), que produziu mudanças nas relações sociais, principalmente de classe, jovens, criança, gênero e

gerações, atualmente ouvimos, pessoas mais velhas a dizer como o escritor moçambicano Mia Couto, de que: "[...] não conheço ninguém que não se lamente da perda de valores morais. Este é um assunto sobre o qual temos um imediato consenso nacional. Todos estão de acordo [...]" (FOLHA DE MAPUTO, Online, 02.09.2015). As palavras de Mia Couto podem ser traduzidas pela expressão de "crise[2] de gerações" nas palavras de Norbert Elias (1997), como mostra (OSÓRIO; MACUÁCUA, 2013) de que os jovens moçambicanos mostram uma contradição entre seus valores e dos seus pais. As metamorfoses nas relações sociais acabaram por abrir brechas para o surgimento da criminalidade urbana violenta.

Crianças – das "flores que nunca murcham" para Molwenes

Apesar das retóricas de representações homogêneas do Estado em torno da imagem da infância na Primeira República (1975-1990), é preciso dizer que a representação da infância não é sempre homogênea, mas na década de 1980 era corriqueiro as crianças serem tratadas nos discursos públicos como "flôr que nunca devia murchar". O discurso do Presidente Samora Machel "[...] apelava a todos moçambicanos para que acarinhassem toda a criançada" (SAIETE, Online, 12.06. 2008). Portanto, as mudanças ocorridas rapidamente nos finais da década de 1980 e início de 1990 colocaram quase todo esse discurso por terra, quer em pensamento e ação.

[2]Para falar de crise, é necessário que haja um sistema em dificuldade e que permaneça perceptível como tal, disse Wieviorka (1997, p.13). Mas também que haja sistemas de atores em relações conflituais, é preciso de um outro lado, problemas que eles reconhecem como comuns.

Figura 2. "As crianças são as flores que nunca murcham" – Samora Machel, primeiro presidente de Moçambique

Fonte: UNICEF Mozambique. 19 de outubro de 2916.

Os dados históricos e sociológicos, apontam que a imagem da criança teria transitado de uma crônica de "flores" que nunca murcham para a crônica de "*Molwenes*" (delinquentes), bem descrita na obra de Isaac Zita (1988). Não foi sem razão que nos finais da década de 1980 e início de 1990, o debate sobre criança *na* e *da* rua em Moçambique, tornou-se notável, pela situação das crianças nas ruas das principais cidades, agravada pelo conflito armado que assolava o país (muitos destes eram de sexo masculino), eram vistos como vítimas da guerra, filhos de imigrantes rurais que fugiam das suas zonas de residência em busca de mais segurança nos centros urbanos. Tudo isso certamente não é novo; mas a partir da década de 1990, o fenômeno aprofundou-se. Como aponta Ana Loforte, que a guerra civil forçou inúmeras crianças a migrarem para as cidades a procura de sobrevivência, fazendo da rua a sua casa, o seu lar, o seu local de trabalho.

Para Loforte (1988), a guerra instituiu separação entre pais e os seus filhos, gerando pobreza nas famílias rurais e urbanas, cortejou desagregação e instabilidade familiar. Apesar dos anos de 1990 ser a década pós-guerra civil que arrasou o país por quase 16 anos, foi um período difícil para muitas famílias que não tinham ainda acabado de recuperar da guerra e em seguida foram assoladas pela restruturação econômica (SAÚTE, 2000).

O discurso das "crianças como flores que nunca murcham", evaporou-se, dentro deste cenário, as ruas acabaram funcionando como tubo de escape para a sobrevivência das crianças duplamente afetadas, pedindo uma esmola ou realizando trabalhos precários num processo de acelerada urbanização que naturalizou o trabalho infantil e tornou a vida dessas crianças sem esperança mais anônima. Loforte (1989), já descrevia que a maioria delas são provenientes de famílias que não têm possibilidade de satisfação de necessidades básicas, mas também em termos de afetos, compreensão e educação. Um dos fatores paradigmáticos do aumento das crianças na rua durante a Primeira República foi a guerra civil que deixou muitas delas sem parentes que tomassem conta de suas vidas e atualmente a principal causa é a desigualdade socioeconômica. Em 2000, os dados oficiais contavam 1.250 crianças a morarem nas ruas das capitais provinciais de Maputo, Inhambane, Sofala, Manica, Zambezia e Nampulae 3561 crianças nos Centros de acolhimento (MAULUQUELA, 2005, 2009; CEZNE, 1991, 1992; MUIANGA, 1992; ASSOCIAÇÃO DE MENINOS DE MOÇAMBIQUE, 2000).

Figura 3. Capa do livro de Isaac Zita representando os "molwenes"

Fonte:Zita (1988).

Nós já ouvimos de muitas pessoas não fale com "os *Molwenes*" —são perigosos, preguiçosos, transviados, anormais e se alimentam de uma cultura patogênica. A demonização das crianças pobres permite que seja simbolicamente insolado e descartado, justificando assim uma política de repressão e criminalização. Esquece-se que muitas dessas crianças são de famílias pobres e que os seus encarregados têm dificuldade em desempenhar o seu papel de educador e de inspiração para a formação profissional, logo tão cedo são lançados nas estradas para

"desenrascar" a vida, carregando sacos de pequenos portes e prestando serviços braçais, como forma de sobrevivência.

Com esta situação Celso Amade, desabafa: "no meu tempo ser Mufana[3](criança)" em Moçambique era saber que existia fartura de nada, as lojas andavam cheias de alguma coisa, o cardápio não faltava nas mesas (AMADE, 2009).

Atualmente nas ocorrências da criminalidade, não é raro apontar-se a presença de crianças. A título de exemplo temos a reportagem do jornal a Verdade do dia 27 de março de 2014, que relata que em 2013, cerca de 2.300 crianças e adolescentes em conflito com a lei foram mantidos em regime de reclusão. Todavia, exceto na cidade de Maputo, onde são mantidas num estabelecimento próprio para menores enquanto nas outras são presos com adultos (BALEIRA, 2003; SIOCHE, 2015, SAMO, 2012). Essas crianças se beneficiam de assistência jurídica acompanhada pelos técnicos da justiça moçambicana e do UNICEF. Segundo o Ministério da Justiça, em Moçambique existem 17.000 crianças e adolescentes detidos e o número tende a aumentar, segundo estudos efetuados a nível local, os quais demonstram ainda que grande parte desse grupo se encontra nos centros de reabilitação (VERDADE, 27 de março de 2014).

Juventude da "seiva da nação" para "Ninja"

Durante a década de 1990, os jovens ladrões passaram a ser designados de "Ninja" (STAR, 27.9. 1991; CARVALHO, 4.10.1991) em homenagem aos filmes chineses, projetados em casa de cinema improvisados nos bairros das "classes populares" por "*Madjerman*" (trabalhadores moçambicanos que haviam regressado da antiga República Democrática Alemã) (OPPENHEIMER, 2004), em vídeo cassete, que cobrava na época 100 meticais da antiga família[4]. Como descreve Carvalho (1991, p. 20), "a terminologia foi arrancada aos filmes orientais aqueles homens ginasticados, capaz de atacar, ferir e fugir sem ser atacados, nem feridos", entram no dicionário moçambicano, como sinônimo de ladrão, bandido, assaltante, terrorista e assassino.

3 Em xiTsonga, língua falado no sul de Moçambique, significa criança ou adolescente.

[4]1 de janeiro de 2007 a 31 de dezembro de 2007, foi a troca do Metical.

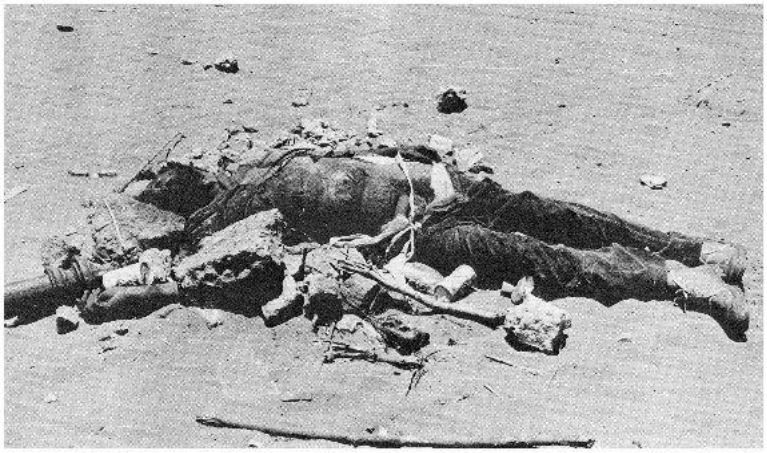
Nem sempre os jovens foram assim, o artigo de Adriano Biza, apresentado no dia 19 de setembro de 2007 na conferência inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (IESE), sob o título: "Associação de jovens, Estado e Política em Moçambique: Da herança a novos desafios". O autor adverte que foi em 1976 que a FRELIMO, decidiu criar uma organização juvenil, esta decisão foi tomada na 8ª sessão do Comitê Central do partido, realizada em Maputo, de 11 a 27 de fevereiro de 1976, abrindo assim espaços dentro da organização política para responder a necessidade da estratificação da sociedade moçambicana, com vista a imprimir uma nova dinâmica nas estruturas da política do Estado.

O Departamento da Mobilização e Organização (DMO) do partido criou a Organização da Juventude Moçambicana (OJM), com objetivo de mobilizar todos os jovens a aderir aos objetivos da revolução. Foi um instrumento fundamental do alargamento e da consolidação das políticas estatais. Como apontava Samora Machel: "*a juventude constitui a estufa, o viveiro de onde sairão os profissionais de todo o tipo, necessários para edificação da sociedade socialista*". Cito também a famosa equação que a minha geração viveu todos os dias, "*juventude é a seiva da nação*" (BIZA, 2004, 2007, 2009). Assim, todos os jovens com idades compreendidas entre 14 e 30 anos sem distinção de raça, cor, religião, grupo étnico, nível de escolaridade, estado civil e posição social eram considerados parte dela, desde que aceitassem os estatutos e programas da organização juvenil. A sua admissão era individual, mas sujeita a aceitação. Com as mudanças sociais, o Estado abriu porta para várias associações para a defesa da juventude, essas se encontram fragmentadas, menos coordenadas e estruturadas, agindo mais na lógica de competição e com *déficit* de representatividade (BIZA, 2009).

Este fato começa a ser observável no início da década 1990, ao menos nas grandes cidades moçambicanas, quando a imagem de jovem como "*Seiva de nação*" dava lugar ao "*Ninja*", principalmente os jovens ladrões, provenientes dos setores mais pauperizados da "classe popular". Como aponta Carvalho (1991, n.p.), "*os ninjas transformaram as noites [...] num inferno. Os ninjas esperam pelo fim do mês, quando as pessoas*

resolvem para voltar a atacar, diz um frequentador das noites, tuca-tulá, com a marginalidade" [5].Como mostra a figura abaixo:

Figura 5: Cadáver de um jovem considerado "Ninja" na rua de Polana Caniço, cidade de Maputo, morto linchado por uma multidão. Outubro de 1991.



Fotos: Augusto de Carvalho (1991).

Vem crescendo nos últimos anos, a participação dos jovens no movimento da criminalidade urbana, em especial de suas modalidades violentas. Se é necessário falar do impacto das mudanças sociais na construção de uma nova sociabilidade juvenil ou de mudança dos comportamentos dos jovens, não se trata apenas de promover a imagem histórica dos jovens, trata-se de relatar fatos inegáveis da mudança do comportamento dos jovens na sociedade moçambicana contemporânea.

A emergência dos jovens no "mundo do crime" está associada a transformações sociais e econômicas operadas a partir da década de 1990. Essas transformações, puncionaram os processos de desfiliação nas relações entre pais e filhos. Isso não quer dizer que no período da Primeira República não existisse desfiliação como hoje. Mas o que se destaca é que ele não se constituía como uma realidade proliferada. A desfiliação não implica "ausência de relações sociais", mas um conjunto de relações particulares. Há desfiliação quando ocorre uma "dissociação" de inscrição em instituições responsáveis pela integração social. A desfiliação "não

[5]Grifo nosso.

equivale necessariamente a uma ausência completa de vínculos", mas também a ausência de inscrição do sujeito em estruturas portadoras de um sentido, o que lhe falta é a existência de um projeto através do qual as interações ganhem sentido (CASTEL,1998, p.536).É justamente nesse processo de desfiliação que muitos jovens são cooptados para prática dos crimes violentos como alternativas para alimentar os desejos de consumo fantasiado e estimulado pelo poder da imaginação da globalização, pós-90, onde os rituais de ostentação se desenvolvem, na gíria local chama-se de*show off*, imitando os grandes significados do consumo global (MBEMBE, 2001). As práticas do roubo e furto de bens patrimoniais por jovens se baseiam nessa economia colonizada pelo presente imediato, de "fazer dinheiro fácil" e "tirar vantagem de tudo" (ZALUAR, 2007, p.34), ou seja, a sociedade moçambicana passou no período pós-guerra civil a estar colonizada pelo consumo de bens materiais desejados, porém não acessíveis, que no período da guerra civil não existia, por motivo da própria guerra e por fechamento do país em relação aos países ocidentais. Por isso, a emergência da criminalidade urbana violenta faz parte desse novo contexto social, econômico e cultural pós-90. Como aponta Garland (2008, p.204), vivemos num período de uma "cultura universalmente comercial", que nos faz experimentar novas formas de prazer instantâneo. Que mobiliza jovens a canalizar sua energia na criminalidade urbana. Não temos a pretensão de ter sido os primeiros a observarem este fenômeno. Luís de Brito em: "Os condenados de Maputo", publicado em 2002 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) – Setor de Apoio a Justiça. De acordo com Luís de Brito, em 2001, 80% dos condenados nas prisões de Maputo tinham idades compreendidas entre 16-29 anos, sendo mais da metade, com idade inferior a 25 anos. Nesse contexto contemporâneo, "adolescentes e jovens lideram a criminalidade" em Moçambique (MATAVEL; NHAMIRE, 2007).

Referências bibliográficas

ABRAHMSSON, H.; NILSSON, A. **Moçambique em transição:** um estudo da história de desenvolvimento durante o período de 1974-1992. Maputo e Gotemburgo: CEEI-ISRI/Padrigu, 1994.

_____. **“The Washington consensus” e Moçambique:** a importância de questionar o modo de pensar ocidental sobre o processo de desenvolvimento do continente Africano. Maputo: CEEI,1995.

ADORNO, S. **A socialização incompleta:** os jovens delinquentes expulsos da escola. Cad.pesq. n. 79,nov,1991.

_____. **Exclusão socioeconômica e violência urbana.** Dossiê Sociologia. Porto Alegre. Ano 4. nº8, Jul/Dez, 2002.

ADORNO, S; BORDINI, E.; LIMA, R. **O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana.** São Paulo em Perspectiva 13(4), 1999, p. 62-74.

AMADE, C. **Moçambique, ser criança na lusofonia:** meu povo, nossas crianças. Revista cultural da lusofonia Opatifúdio, 2009. Disponível em: http://opatifundio.com/site/?tag=criancas-africanas. Acessado em 11 nov 2010.

BALEIRA, Sérgio (Coord.). **Relatório preliminar da pesquisa sobre “A Criança em Conflito com a Lei”.** Moçambique. Maputo: Consultoria com Save The ChildrenNorway, abr.de 2003.

BIZA, A. **Des Jeunes et AssociationsauMozambique:**Enjeux et DynamiquesActualles. Paris: IEDES/Université de Paris I – Sarbone. Memore de DEA enAntropologie et sociologiecritiquesaduDévelopement, 2004.

_____. **Associação de jovens, Estado e Política em Moçambique:** Da herança a novos desafios. Texto apresentado na conferência inaugural do IESE “desafio para investigação social e econômica em Moçambique”. 19 de Setembro. Maputo: IESE, 2007.

_____. **Jovens e Associação em Moçambique**: Motivação e dinâmicas atual. Saúde Soc.V.18, nº 3, p.382-394, 2009.

BRITO, L. **Os condenados de Maputo**. Maputo: PNUD, 2002.

CARVALHO, Augusto de. **Insegurança em Maputo:** o massacre dos ninjas. O Jornal Ilustrado. Lisboa, 4 outubro 1991, p.20-21.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTEL-BRANCO, C. **Opções econômicas em Moçambique**, 1975-1995. In: BRZÃO. M. (Coord.). Eleições, Democracia e Desenvolvimento. Maputo: Embaixada dos Países Baixos, 1995.

CEZNE, I. **Criança da rua:** um desafio. Masputo: SEAS, Séries orientações nº1, 1991.

_____. **Criança de rua:** O que fazer. Maputo: SEAS: Séries orientações nº 3,1992.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche. Uma história da poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães:** a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.1997.

FOLHA DE MAPUTO. **Aula de Mia Couto durante a cerimônia de Doutor Honoris Causa.** 02.09.2015. Disponivel em: http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/aula-de-mia-couto-durante-a-cerimonia-doutor-honoris-causa-completa/. Acessado 1 de fev de 2016.

FRANCISCO, A. **Reestruturação económica e desenvolvimento de Moçambique.** In: SANTOS, B.; TRINDADE, F.(Orgs.). Conflito e Transformação Social: Uma paisagem das justiças em Moçambique. Porto: Afrontamento, Vol. I, p. 141-17, 2003.

GARLAND, D. **A Cultura do Controle:** crime e ordem social na sociedade contemporânea. Tradução, apresentação e notas de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

GEFFRAY, C. **A causa das armas:** antropologia da guerra contemporânea em Moçambique. Afrontamento: Porto,1991.

LUNDIN, I. **Estratégias de sobrevivência na cidade de Maputo:** uma investigação antropológica. Maputo: Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Eduardo Mondlane, 1996.

LOFORTE, A. **Um perfil das crianças da rua em Moçambique.** Maputo: Editora Globa, 1989.

MACAMO, E.**Tio Ferramindosa**. 1.12.2016. Disponível em: https://web.facebook.com/elisiomacamo_rdc=1&_rdr. Acessado 3 mar.2018.

MACHEL, S. **Materializar a vitória da linha revolucionaria na frente da educação.** In: Revista Tempo nº 337. Maputo, p21-24,1977.

_____. **A revolução é irreversível.** Revista Tempo. nº 390. 26 de mar. Especial, 1978.

MBEMBE, A. **As formas africanas de auto-inscrição.** Estud. afro-asiát.2001, vol.23, n.1, pp.171-209.

MATAVEL, J.; NHAMIRE, B. **Adolescentes e jovens lideram a criminalidade.** Maputo: Canalmoz, 2007. Disponível em: http://www.canalmoz.co.mz. Acessado em 10 out 2010.

MAULUQUELA, E. **A vida na rua:** razões e objetivos, um estudo sobre as motivações das crianças na e da rua, na cidade de Maputo. Monografia. Licenciatura em Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo: UEM, 2005.

_____. **Centro de acolhimento:** uma tentativa de saída da rua? Um estudo sobre razões e objetivos de afluência das crianças da rua aos Centros de Acolhimento. Dissertação. Mestrado em Sociologia do Instituto de Ciência do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa: ISCTE-IUL, 2009.

MAZUZE, C. **Crime de calourinho branco, reflexão em Moçambique.** Monografia. Licenciatura em Direito da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo: UEM, 2006.

MUIANGA, L. **As relações sociais da criança da rua:** perspectiva de integração. Monografia. Licenciatura em Educação do Instituto Superior Pedagógico, Maputo: UEM, 1992.

NGOENHA, S. **Identidade moçambicana:** já e ainda não. In: SERRA, Carlos (Dir.). Identidade, moçambicanidade, moçambicanização. Universidade Eduardo Mondlane, 1998, p.17-34.

OPPENHEIMER, Jochen. **Margermanes-** os trabalhadores moçambicanos na antiga República Democrática Alemã. VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. A questão social no novo milênio. Coimbra, 16, 17 e 18 de setembro de 2004. Disponível em:

Desktop/MAJERMAN.jochenOppenhiemer.pdf. Acessado 02 de janeiro de 2017.

OSÓRIO, C.; MACUÁCUA, Ernesto. **Ritos de iniciação no contexto atual.** Ajustamentos, rupturas e confrontos. Construindo identidade de gênero. Maputo: CIEDIMA, 2013.

PAULINO, A. **Criminalidade Global e Insegurança local** – O caso de Moçambique. COLOQUIO INTERNACIONAL DIREITO E JUSTIÇA NO SÉCULO XXI. 29 a 31 de Maio. Coimbra. Anais....Coimbra. Centro de Estudos Sociais, 2003.

PASINATO, Wânia. **A justiça para todos os juizados especiais criminais e a violência de gênero.** Tese de Doutorado em Sociologia da Universidade de São Paulo, 2004.

PITCHER, A. **TransformingMozambique:** The politicsprivatization, 1975-2000. Cambridge: University Press, 2002.

PNUD. **O sistema prisional em Moçambique.** Maputo: PNUD/Moçambique, 2000.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Constituição da República de Moçambique.**Maputo: Plural Editores, 2005.

SAIETE, Jorge. **Flores que nunca murcham!!!.** Quinta-feira, 12 de junho de 2008. Disponível em: http://debateereflexao.blogspot.com.br/2008/06/flores-que-nunca-murcham.html. Acessado 06 jan 2017. Acessado 28 jan 2017.

SALES, F.; MAÚSSE, M. **A criança da rua:** sobrevivência difícil, análise da situação atual da criança da rua e estratégia de prevenção e redução do fenômeno. Maputo: INAS, 2000.

SAMO, Saturnino. **Estudo diagnóstico da justiça de menores.** Maputo: CEIDIMA, 2012.

SAMUEL, E. **Violência de gênero, cultura e direitos humanos.** Aplicação da Lei da Violência doméstica (Lei 29/2009, de 29 de setembro). Outras vozes, 2014, p.43-44.
SAÚTE, N. As mãos dos pretos: Antologia do conto africano. Lisboa: Dom Queixote, 2000.

SIOCHE, Bernardo. **O direito internacional em proteção dos direitos de criança e de adolescentes em conflito com a lei em Moçambique.** Revista de Direito Internacional, Brasília, v 12, n°2, 2015, p.66-83.

SERRA,C. (Dir). **Identidade, moçambicanidade, Moçambicanização**. Maputo: Imprensa Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 1998.

_____**Linchamentos, amarradores de chuvas e cólera social:** fusíveis sociais que saltam em Moçambique. In: BARREIRA, César. (Org.). Violência e conflitos sociais: trajetórias de pesquisa. Campinas, São Paulo: Pontes, 2010, p.51-67.

_____. **Linchamentos, eclipse do social e bodes expiatórios.** In: SERRA, Carlos (Dir.). Linchamentos em Moçambique. 2ª edição. Maputo: Imprensa Universitaria.2015, p.213-250.

STAR. **Necklaceof death for Mozambique's ninjas**. Johannesburg, 27 September 1991.

TEMPO.**Estatutos e programa do Partido FRELIMO, n°666** – 7 de agosto de 1983, p.30.

TOMANE, A. **Violência urbana:** o caso da cidade de Maputo, bairro de polana-caniço. Monografia. 58f. (Licenciatura em Sociologia) – Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo: UEM, 2004.

VERDADE (Online). **Milhares de crime estão em conflito com a lei no país.** 27 de março de 2014. Disponível em: http://www.verdade.co.mz/nacional/45093-milhares-de-criancas-estao-em-conflito-com-a-lei-no-pais. Acessado no 25 jan 2017.

VIEIRA, S. **Participei, por isso testemunho.** Maputo: Ndjira, 2010.

WEST, G. Kupilikula. **O poder e o invisível em Mueda, Moçambique.** (M. Rocha, Trad.). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2009.

WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.

WUYTS, M. **Money and Planning for SocialistTransition:** The Mozambican Experience. Aldershot: GowerPublishingGroup, 1989.

ZALUAR, A. **Democratização inacabada:** fracasso da segurança pública. Estudos Avançados 21(61), p.31-49, 2007.

ZITA, Isaac. **Os molwenes.** Maputo: AEM, 1988.